

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JONYELSON SILVA RIBEIRO DE ASSIS

**CORES DE UMA COLCHA DE RETALHOS: A PRESENÇA DE
PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA
PARAÍBA**

Orientadora: Dra. Maíra Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA - PB

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

JONYELSON SILVA RIBEIRO DE ASSIS

**CORES DE UMA COLCHA DE RETALHOS: A PRESENÇA DE
PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia,
em cumprimento das exigências parciais para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Dra. Maíra Lewtchuk Espindola

JOÃO PESSOA - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A848c Assis, Jonyelson Silva Ribeiro de.

Cores de uma colcha de retalhos: a presença de
professores homens na educação infantil da Paraíba /
Jonyelson Silva Ribeiro de Assis. - João Pessoa, 2023.
48 f.

Orientação: Maíra Lewtchuk Espíndola.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação infantil. 2. Docência. 3. Gêneros. 4.
Masculinidades. I. Espíndola, Maíra Lewtchuk. II.
Título.

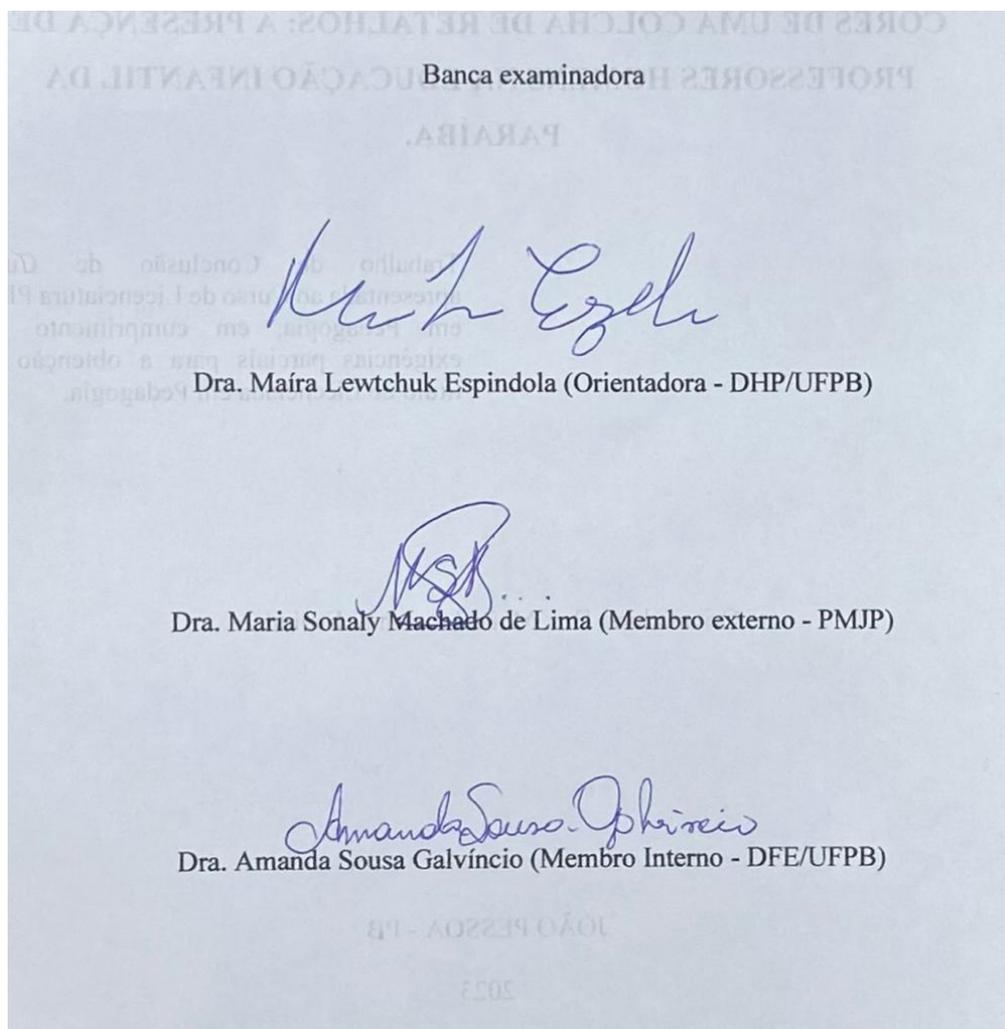
UFPB/CE

CDU 37-051(043.2)

JONYELSON SILVA RIBEIRO DE ASSIS

**CORES DE UMA COLCHA DE RETALHOS: A PRESENÇA DE
PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA PARAÍBA.**

Aprovado em: 07 de junho de 2023



Dedico o presente trabalho a minha avó Sra Marli de Assis Vieira, por oportunizar que este trabalho tenha sucedido, tal qual a minha graduação. Vovó obrigado por todo apoio, dedicação e amor que sempre me doou, tudo que sou hoje foi germinado através de seus cuidados. Não há palavras para descrever minha eterna gratidão a sua importância em minha vida. Te amarei eternamente.

Também gostaria homenagear meus amigos que sempre me apoiaram e confiaram no meu potencial e aos meus pais que desafiaram minhas capacidades, hoje contrariando suas expectativas, subo um degrau rumo a novos horizontes...

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho contou com a ajuda e influência de diversas pessoas, dentre elas:

A minha orientadora Máira Lewtchuk Espindola por, literalmente, pegar na minha mão e colaborar diretamente no meu processo de formação.

Aos professores da graduação: Carmem Sevilla, Amanda Galvíncio, Tamirys Mandu, Marlene França, Adriana Diniz, Leonardo Severo, Joseval Miranda e Roberto Rondon, que me inspiraram na busca pelo conhecimento.

As professoras Rayssa Brito, Claudia Maria, Maria Aparecida, Priscila Kelly que me recepcionaram com todo apoio no campo de estágio, me fazendo acreditar no meu potencial para docência.

Aos projetos que participei durante a graduação como a monitoria, o Prolicen e, em especial, o “Projeto Saberes na/da Educação Infantil” a toda equipe envolvida no mesmo, citando as coordenadoras Nádia Jane, Máira Lewtchuk e Ana Luísa Amorim. Juntamente com toda equipe da Prefeitura Municipal de João Pessoa e do Centro de Capacitação de Professores.

As amigas conquistadas ao longo do curso Priscilla Falcão, Laís Regina e Ueslaine Barbosa, vocês foram essenciais para minha permanência no curso.

A todos os professores e professoras que me formaram ao longo da vida, em especial Vanessa Figueiredo e Carolina Barros, por sua grande inspiração à docência.

Ademais a instituição UFPB que por longos anos me estigou a buscar o melhor de mim. Gratidão.

SOU FEITA DE RETALHOS

Cris Pizzimenti

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

RESUMO

O presente trabalho tem como temática a atuação docente masculina na Educação Infantil, considerando aspectos históricos e culturais da educação brasileira especificamente do estado da Paraíba. Considerando que na EI a criança, comumente, se depara com os primeiros momentos de convivência em sociedade fora do âmbito familiar, sendo essa etapa responsável por integrar e propiciar vivências coletivas, possibilitando práticas de inclusão e diversidade. A falta de uma figura masculina priva a criança do contato com homens atuando em um ambiente de aprendizagens, coibindo a criança de um direito garantido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o de conviver. Este estudo tem como objetivo principal pensar a atuação docente masculina na Educação Infantil. E ainda, compreender o que motivou esses professores a trabalhar com bebês, crianças bem pequenas e pequenas; caracterizar o lugar de atuação dos professores na EI e identificar a visão dos professores acerca da atuação do homem na referida etapa. Para tal, se entrevistou três professores que atuam ou atuam na EI no estado da Paraíba. A pesquisa é de abordagem qualitativa e como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada realizadas de forma on-line por meios do *WhatsApp*. Os dados coletados foram analisados com a contribuição dos/as autores/as que tratam da temática discutida ao longo da pesquisa, a saber: gêneros, masculinidades e identidade docente. Abordando as múltiplas cores e retalhos que compõem esses conceitos, os resultados da respectiva pesquisa mostraram a importância da presença de homens na EI para o desenvolvimento das aprendizagens dos bebês, das crianças bem pequenas e pequenas, além dos desafios da docência masculina nessa etapa da educação.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência; Masculinidades.

ABSTRACT

The present work has as its theme the male teaching role in Early Childhood Education, considering historical and cultural aspects of Brazilian education specifically in the state of Paraíba. Considering that in Early Childhood Education, the child is commonly faced with the first moments of coexistence in society outside the family sphere, this stage being responsible for integrating and providing collective experiences, enabling practices of inclusion and diversity. The lack of a male figure deprives the child of contact with men working in a learning environment, preventing the child from a right guaranteed by the National Common Curricular Base (BNCC), which is to live together. The main objective of this study is to think about male teaching activities in Early Childhood Education. And yet, to understand what motivated these teachers to work with babies, very small and small children; characterize the role of teachers in Early Childhood Education and identify the view of teachers about the performance of men in that stage. Para tal, se entrevistou três professores que atuam ou atuam na Educação Infantil no estado da Paraíba. The research has a qualitative approach and as a data collection instrument, a semi-structured interview was used online via WhatsApp. The collected data were analyzed with the contribution of the authors who deal with the theme discussed throughout the research, namely: gender, masculinities and teaching identity. Addressing the multiple colors and patches that make up these concepts, the results of the respective research showed the importance of the presence of men in Early Childhood Education for the development of the learning of babies, very young and small children, in addition to the challenges of male teaching at this stage of life. education.

Keywords: Early Childhood Education; Teaching; Masculinities.

SUMÁRIO

1. SEPARANDO OS TECIDOS: temática, objetivos, justificativa	10
2. RETALHOS MULTICOLORIDOS: gêneros, masculinidades e identidade docente	16
2.1 Gêneros e masculinidades: como descosturar a masculinidade hegemônica?.....	16
2.2 Docentes na EI: uma profissão feminina?.....	17
2.3 Há um local para homens na EI?.....	20
3. AS LINHAS QUE COSERAM A COLCHA: a metodologia da pesquisa.....	25
3.1 Os sujeitos pesquisados.....	26
4. MONTANDO A COLCHA: desenhos das narrativas dos professores	28
4.1 Caracterizando nossos sujeitos	28
4.3 Relação com as crianças e com os outros sujeitos da EI.....	31
4.4 Motivações da profissão.....	33
4.5 Restrições das práticas docentes na EI.....	35
4.6 Representações sociais da profissão docente na EI	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES.....	46
Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido	47
Apêndice B: Entrevista Semiestruturada.....	49

1. SEPARANDO OS TECIDOS: temática, objetivos, justificativa

O presente trabalho tem como temática a atuação docente masculina na Educação Infantil, considerando aspectos históricos e culturais da educação brasileira especificamente do estado da Paraíba. O interesse acerca da temática se iniciou durante a experiência no estágio em Educação Infantil (EI), na Colégio de Aplicação de Educação Básica (Cap EBAS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual presenciamos o movimento de práxis para o trabalho pedagógico, trazendo todo o encantamento que é ser docente das crianças bem pequenas e das crianças pequenas. Após conhecermos e nos identificarmos com a área, nos tornamos bolsistas do Programa de Licenciatura (Prolicen) de 2021, junto ao Grupo de História das Infâncias e Estudos de Gênero (Ghieg), com o projeto “(Auto)formação Docente e Documentação Pedagógica: o uso da fotografia e do diário de campo na Educação Infantil”¹. Esse projeto teve como objetivo a realização de oficinas pedagógicas para as profissionais da educação infantil da rede municipal de João Pessoa, destacando através das oficinas a necessidade de preservação da memória da educação infantil contemporânea. Ainda decorrente desse projeto participamos da Mostra CE com um trabalho intitulado “A Documentação Pedagógica na (Auto)Formação de Discentes e Professoras da Educação Infantil”²; do Encontro de Iniciação à Docência (ENID) com o resumo expandido “(Auto)Formação Docente e Documentação Pedagógica: o uso da fotografia e do diário de campo na Educação Infantil”³; e do Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED) com o artigo intitulado “Documentar é preciso: uma experiência com as professoras e especialistas da Educação Infantil da rede municipal de João Pessoa”⁴.

Logo após o Prolicen veio a Formação Docente da EI 2022, “Projeto Saberes na/da Educação Infantil”, um projeto de extensão conjunto entre a UFPB e a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), que consistiu em encontros mensais com todas as professoras da EI da rede municipal de João Pessoa. O projeto teve como objetivos: contribuir com processos de formação das profissionais que atuam na Educação Infantil, a fim de ampliar e aperfeiçoar seus saberes e práticas necessários para a melhoria do trabalho nessa etapa; e colaborar na construção da proposta curricular da Educação Infantil. A formação contou com a participação

¹ Coordenado pelas professoras doutoras Máira Lewtchuk Espindola e Amanda Sousa Galvíncio.

² Esse artigo teve como objetivo explicar o projeto de oficinas pedagógicas e a importância da documentação para o processo de formação da professora da educação infantil.

³ No qual apresentamos as oficinas ocorridas no projeto para as professoras.

⁴ Aqui narramos o processo das oficinas e os seus resultados.

de cerca 380 professoras de creche, 380 professoras de pré-escola e 100 supervisoras da rede municipal de João Pessoa, sendo coordenado pela professora Dra. Nádia Jane de Sousa, tendo como coordenadora da etapa creche a professora Dra. Ana Luísa Nogueira de Amorim e na etapa da pré-escola sendo coordenado pela professora Dra. Maíra Lewtchuk Espindola, contando com o total de 12 formadoras, todas elas sendo professoras do Centro de Educação da UFPB.

Esses projetos foram construindo nossa perspectiva sobre o que é ser professor/a na EI e com isso diversas interrogações foram se formando para nós, a saber: Por que não encontramos homens exercendo a docência na EI? Será importante para os bebês, as crianças bem pequenas e pequenas conviverem com gêneros diversos? Dessa forma nossa temática foi sendo construída.

Considerando que na EI a criança, comumente, se depara com os primeiros momentos de convivência em sociedade fora do âmbito familiar, sendo essa etapa responsável por integrar e propiciar vivências coletivas, possibilitando práticas de inclusão e diversidade. Uma dessas convivências pode e deve ser com docentes homens, sabemos que muitas vezes esses professores estão ministrando educação física ou musicalização ou artes visuais na EI, porém pensamos na importância dessa figura na sala de referência, trazendo amplamente o direito de conviver como está descrito na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com Cardial (2022) na *Revista da Educação*, no Brasil dos 593 mil docentes que atuam na educação infantil, apenas 3,6% são homens, segundo o Censo da Educação Básica 2020. Esse índice vai se ampliando a partir dos anos finais e no ensino médio; já no ensino superior a presença masculina é maioria. Considerando todo embasamento adquirido ao longo da formação acadêmica, e conhecendo a realidade da rede municipal, a qual não conta com nenhum professor regente na EI, fica a nossa inquietação sobre o porquê de não haver espaço para o homem nessa etapa.

Para iniciar este estudo, realizamos um mapeamento de trabalhos acadêmicos dentro da temática. Essa busca se deu a partir de dois locais, a saber: o Repositório da UFPB e a Biblioteca Eletrônica de Científica Online - *Scielo*.

No Repositório da UFPB foram encontrados cinco Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da licenciatura em pedagogia, dentre eles encontrados três que problematizam a docência masculina na EI a partir da visão dos discentes do curso de pedagogia: “Atuação de Homens na Educação Infantil: um olhar sobre as perspectivas e desafios dos graduandos do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba”, de autoria de Lúcia de Fátima de

Lima Miranda (2017); “Feminilização na Formação de Professores no Curso de Pedagogia nas Instituições de Ensino Superior: um olhar sobre os desafios da figura masculina no lócus da Educação Infantil/anos iniciais”, de autoria de Emanuel Messias de Carvalho Oliveira (2019); “Desafios dos Estudantes Homens na Educação Infantil: reflexões à luz das relações de gênero”, de autoria de Leonardo Lima da Silva (2020).

Encontramos também uma pesquisa que tratava da presença unânime da mulher na EI na rede municipal de João Pessoa: “Reflexos da Feminização do Magistério na Contemporaneidade: a ausência do gênero masculino na Educação Infantil da rede municipal de educação de João Pessoa”, de autoria de Tatiane Alves de Figueiredo (2020). E abordando exclusivamente da docência masculina na EI, foi encontrado apenas um trabalho: “Tem Homem na Escola: professores na Educação Infantil”, de autoria de José Leandro Maciel da Silva (2020).

O trabalho de Silva (2020) tem como objetivo avaliar a presença e a recepção de docentes masculinos na EI, em escolas públicas do município de Coremas – Paraíba (PB), para tal o autor traça a trajetória do magistério no Brasil, em paralelo ao processo de feminização da docência, contrastando com a realidade nas escolas municipais. A pesquisa aponta que não há docentes homens na EI, foram elencados alguns fatores que não oportunizam a presença do homem na EI, sendo o principal dele a desvalorização da carreira docente masculina, tendo em vista que não há nenhum pedagogo nas instituições de EI na referida cidade. (SILVA, 2020)

Passamos então para o repositório da *Scielo*, no qual encontramos 15 trabalhos tratando da docência masculina na EI. Dentre esses trabalhos, seis deles não focavam diretamente nas vivências do homem nas instituições de EI: dois abordavam uma perspectiva analítica por parte da gestão e do corpo escolar, “Homens na Educação Infantil: O que pensam as diretoras sobre isso?” de autoria de Karine Jacques Hentges (2015), “Transitando na Fronteira: a inserção de homens na docência da Educação Infantil” de autoria de Wagner Luiz Tavares Gomides (2014). Há também um trabalho que problematiza a presença de homens na EI, porém sem contato com os sujeitos em questão: “Por Acaso Existem Homens Professores de Educação Infantil? Dois estudos de caso em representações sociais” de autoria de José Edilmar de Sousa (2011). Focando nos discentes homens de pedagogia, há um trabalho voltado para as práxis do estágio: “Desafios do professor Homem na Educação Infantil: um debate a partir do estágio em Pedagogia” de autoria de Claudionor Renato da Silva e Laura Alves Porto Veloso (2018). Numa perspectiva das relações de cuidados: “As Relações de Cuidado e de Gênero Presentes nos Relatos de Homens Professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte” de autoria de Waldinei do Nascimento Ferreira (2017). Existe ainda um trabalho

centrado na perspectiva das crianças acerca da presença de um professor na EI: “Homens na Docência da Educação Infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças” de autoria de Sandro Vinicius Sales de Santos (2021).

Dos trabalhos científicos encontrados na plataforma, os seguintes foram lidos e categorizados:

TÍTULO	AUTOR/ANO/LOCAL
Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade.	PEREIRA, Maria Arlete Bastos. 2012 Universidade Federal de São Paulo
Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.	RAMOS, Joaquim. 2011 Pontifca Universidade Católica de Minas Gerais
Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão.	MENDONCA, Michelle Mariano. 2016 Pontifca Universidade Católica de São Paulo
Masculinidades e docência na educação infantil.	JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. 2017 Universidade Federal de Santa Maria
A presença de homens docentes na Educação Infantil: Lugares (des)ocupados.	SILVA, Bruno Leonardo Bezerra da 2015 Universidade Federal do Rio Grande do Norte
VOZES MASCULINAS NO COTIDIANO ESCOLAR: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz.	CARVALHO, Ana Marcia de Oliveira 2015 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	LOPES, Eisa Santana dos Santos 2015 Pontifca Universidade Católica de São Paulo.
Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias.	MORENO, Rodrigo Ruan Merat. 2017 Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Por acaso existem homens professores de Educação Infantil? Dois estudos de caso em representações sociais.	SOUSA, Jose Edilmar de 2011 Universidade Federal do Ceara

DESAFIOS DO PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um debate a partir do estágio em pedagogia.	SILVA, Claudionor Renato da, VELOSO, Laura Alves Porto 2018 Universidade Federal do Tocantins.
Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil.	GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. 2014 Universidade Federal de Viçosa
Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças	SANTOS, Sandro Vinícius Sales de 2021 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de homens professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte.	FERREIRA, Waldinei do Nascimento 2017 Universidade Federal de Minas Gerais.

Como podemos observar no levantamento de trabalhos acadêmicos, há uma escassez de pesquisas sobre a docência masculina na EI. E ainda podemos observar que há uma baixa produção ou interesse de homens acerca da temática, tendo em vista que a maioria dos trabalhos encontrados foram produzidos por mulheres.

Após esse levantamento delimitamos nossa questão: Será que existem homens atuando na EI da Paraíba? Por isso, este estudo tem como objetivo principal pensar a atuação docente masculina na EI da Paraíba. E ainda: compreender o que motivou esses professores a trabalhar com bebês, crianças bem pequenas e pequenas; caracterizar os desafios da atuação dos professores na EI; identificar a visão dos professores acerca da atuação do homem na referida etapa.

O estudo tem relevância, pois nos traz informações o papel e espaço ocupado pelos pedagogos na EI, a partir dos sujeitos atuantes nessa etapa. Procuramos entender a forma como essa presença é vista e recebida por gestores e docentes partindo da visão das interações sociais ocorridas nesses espaços. É importante considerar que gestores/as e docentes são o elo entre a instituição e comunidade, recebendo os desejos e anseios de familiares quanto ao que esperam da instituição em suas relações, assim, oportunizando conhecer um pouco da visão social do espaço masculino na atuação com os bebês, as crianças bem pequenas e pequenas. E qual o impacto dessa visão na inclusão ou exclusão dos profissionais homens nesse segmento.

Uma última fase ainda desta pesquisa foi selecionar os sujeitos para a entrevista semiestruturada. Inicialmente, procuramos por discentes do curso de pedagogia da UFPB que

atuaram na EI. Realizamos o contato com um, o qual nos passou o nome e telefone de outros três. Marcamos as entrevistas e destes três apareceram e nos responderam.

Este trabalho está dividido em quatro partes. Além desta introdução, na qual explicamos nossa temática, nossos objetivos e a justificativa da pesquisa, temos o segundo capítulo, no qual abordamos os conceitos de gêneros, masculinidades e identidade docente. No terceiro capítulo apresentamos nossa metodologia da pesquisa. No quarto capítulo, analisamos as narrativas dos professores entrevistados. E por fim trazemos nossas considerações do trabalho.

No próximo capítulo, passamos ao entendimento de conceitos que foram essenciais para a construção da nossa pesquisa, a saber: gêneros, masculinidades e identidade docente na EI.

2. RETALHOS MULTICOLORIDOS: gêneros, masculinidades e identidade docente

Neste capítulo procuramos entender os conceitos que o norteiam nossa temática e suas interferências na educação, a saber: gêneros, masculinidades e identidade docente. A partir dessas leituras, precisamos realizar um recorte que seu deu pelos nossos sujeitos da pesquisa: a cisgeneridade. Então, no presente trabalho quando nos referimos ao homem, estamos tratando do homem cisgênero⁵, pois os três entrevistados são cis.

2.1 Gêneros e masculinidades: como descosturar a masculinidade hegemônica?

Seguindo os conceitos discutidos por Louro (1997), entendemos que os gêneros são construções sociais, nas quais são apontadas as expectativas sobre os papéis que os indivíduos devem se portar na sociedade, para serem aceitos e respeitados. Para a autora: “gênero se refere, portanto, ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOURO, 1997, p. 24). Esses padrões apontados pela sociedade são majoritariamente e compulsoriamente binários, se referindo assim ao masculino e feminino, portanto tudo aquilo que se afasta desse binarismo é malvisto pela sociedade. Apontando essa expectativa compulsória binária, Louro (1997, p. 24) frisa:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Para a nossa pesquisa, o estudo de gêneros foi primordial, pois a partir da construção social de gêneros, observaremos quais as interferências que os papéis apontados pela sociedade intervêm na educação, e por conseguinte na docência, visto a maneira como se organizam as nossas etapas educacionais.

Tomando o conceito de gêneros e frisada a sua intercessão no âmbito social, observemos então a maneira como a nossa sociedade se organiza a partir desses papéis sociais de masculino e feminino, e suas possibilidades de vivência no cotidiano de nossa sociedade. Convivemos em um contexto social patriarcal, no qual o homem cis e heterossexual é visto

⁵ De acordo com Jesus (2012) chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento.

como figura central e dominante numa relação de poder, por isso é necessário que tenhamos em vista como se deu a origem e como se mantem essa relação desse homem que está sempre detendo os poderes e direitos vigentes, para então seguirmos uma problematização acerca dos papéis sociais que temos previamente estabelecidos no imaginário social.

Historicamente, podemos perceber a dominância dos papéis sociais binários - masculinos e femininos - cis e heterossexuais. Então faz-se necessário entendermos o conceito de masculinidade hegemônica. De acordo com Connel e Messerschmidt (2013, p. 245) a masculinidade hegemônica “[...] foi entendida como um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse [...]”, essa conjuntura nos induz a um padrão de homem dominante, que não é qualquer homem, pois exclui homens não heterossexuais e homens transexuais. Essa masculinidade hegemônica é mantida e perpetuada culturalmente, a qual tudo e todos que fogem a regra do homem cisgênero, branco, heterossexual, bem-sucedido e devidamente casado, seja tratado com indiferença. Porém não basta seguir os marcadores apontados anteriormente, esse homem acima de tudo precisa se opor a tudo que compõe o estereótipo feminino, pois o pensamento de masculinidade hegemônica precisa seguir um padrão dominante, oposto ao da feminilidade e assim perpetuar o ideário de masculino. Dessa forma, tudo que é identificado como feminino não faz parte da masculinidade hegemônica: roupas, modos de agir, cuidados com bebês ou crianças, profissões etc.

Postos os conceitos de gêneros e masculinidades, no próximo tópico abordamos a influência que esses exercem sobre a identidade docente na EI, e conseqüentemente na manutenção desses papéis sociais.

2.2 Docentes na EI: uma profissão feminina?

Entendemos que a educação no Brasil passou por diversas mudanças ao longo de sua história, devemos nos ater as configurações atuais, que foram delimitadas a partir da Constituição Federal de 1988⁶, sobretudo nas concepções de EI que se desenvolveram a partir

⁶ Historicamente, a educação para primeira infância foi idealizada pelo pedagogo alemão, Friedrich Froebel (1782-1852), que deu origem ao primeiro jardim de infância na Europa e trouxe conceitos importantes para a concepção da área que ainda hoje permeiam o campo. No estado Paraíba, o primeiro jardim de infância foi fundado pela educadora e jornalista, Alice Azevedo Monteiro, “temos registro da existência de um jardim de infância particular que funcionou em caráter provisório em 1932” e em

da década de 1990, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), na qual a EI, para crianças de zero a cinco anos⁷, passou a fazer parte do sistema educacional brasileiro como a primeira etapa da educação básica. Precisamos ainda entender a gênese da EI no Brasil, Barbosa (2007, p. 1059) indica essa necessidade “[...] para refletir sobre a escolarização das crianças brasileiras contemporâneas é preciso compreender as dimensões do ser criança e viver a infância neste momento histórico e neste país.”.

Para compreendermos a EI brasileira, também se faz necessário a compreensão do processo de feminização do magistério no Brasil, o qual não é fruto apenas de um abandono dos homens à docência, mas também de uma luta feminista por conquista de espaços fora muros domésticos (KUHLMANN JR, 2000). Assim junto do ideário da EI, a partir da década de 1930, percebemos o processo de industrialização do país, esse processo oportunizou a entrada das mulheres no mercado de trabalho, pois as famílias que atuavam na indústria precisavam de um local para permanência de suas crianças, enquanto seus responsáveis estavam trabalhando. Kuhlmann Jr. (2000, p. 11) pontua que:

As instituições de educação infantil tanto eram postas como meio agregador da família para apaziguar os conflitos sociais, quanto eram vistas como meio de educação para uma sociedade igualitária, como instrumento para a libertação da mulher do jugo das obrigações domésticas, como superação dos limites da estrutura familiar.

Logo o movimento feminista se apropriou dessa associação da mulher como mais capacitada para tal tarefa: o cuidar, pois existia a visão do aspecto materno em sua natureza.⁸ Baliscei e Saito (2021, p. 301) apontam que “[...] foi se criando a ideia de que a mulher era a pessoa mais ‘adequada’ para atuar com crianças, por, supostamente, ter mais habilidades com cuidado físico e afeto – elementos imprescindíveis no trato com tais sujeitos”. Desde então, o contato de bebês e crianças foi se restringindo apenas a mulheres, se dando o processo de feminização do magistério.

Porém essa designação voltada apenas para o cuidar da EI acabou por desvalorizar a profissão docente dessa etapa, pois tornou desnecessária a formação profissional específica, sendo por várias décadas necessário apenas ser mãe para ser professora da EI (MONTEIRO, 2014). Tal processo fez com que homens focassem em funções de maior prestígio, como a

1934 surge o primeiro jardim de infância na esfera pública, através da iniciativa da diretoria do Ensino Público do Estado da Paraíba. (LIMA, 2011, p.1).

⁷ Emenda Constitucional nº 59/2009.

⁸ É importante ressaltar que esse movimento foi realizado por outras profissões também como a enfermagem. (MONTEIRO, 2014).

gestão e os cargos fora da educação básica, sendo o ensino superior o espaço com a maior presença masculina dentro da educação inicial (EI e Fundamental I). Sobre esse processo Monteiro (2014, p. 23) aponta que:

No que se refere ao prestígio social e à remuneração [...] existem diferenças na ocupação dos cargos mais altos, como direção e supervisão educacional [...] acaba-se tendo homens em posições superiores na carreira, em cargos de gerenciamento.

Dessa forma, percebemos que a EI não era mais um espaço para a masculinidade hegemônica, pois ela era identificada com o cuidar de bebês, de crianças bem pequenas e pequenas, ou seja, era um espaço feminino.

Para se analisar a presença do homem na EI devemos partir do princípio de que a referida etapa da educação, na qual o cuidar e o educar são indissociáveis, deve ser exercida por profissionais qualificados, agindo de forma pedagógica, para o melhor desenvolvimento da criança. Considerando a pedagogia como uma ciência da educação, não há prerrogativas legais que afastem os homens do trato com bebês, crianças bem pequenas e pequenas, para isso há toda uma formação profissional para que qualquer pessoa exerça tal função, de acordo com Pimenta (1997, p. 7) “[...] uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições.” Por isso, precisamos repensar a identidade desse/a profissional, ressignificar as tradições que a colocam apenas aos cuidados maternos e fortalecer a formação do curso de pedagogia como local de educação desses/as docentes.

As vivências de um bebê, de uma criança bem pequena e pequena, na primeira etapa educacional, perduram por toda a vida, sendo assim a principal característica que deveria ser avaliada em um/a docente seria a preparação profissional da pessoa que almeja estar na EI, e não o gênero ou sexualidade do/a mesmo/a, pois tais características não interferem em sua função como professor/a. Desconsideremos questões de vocação ou dom e foquemos na profissão docente, podemos então criticar a falta de profissionais homens na EI como uma construção social, na qual somos levados a desconsiderar a identidade e qualificação profissional em virtude do preconceito perpassado desde sempre em nossa sociedade, apontando um possível risco a integridade das crianças, corroboramos a Sayão (2005, p. 16):

[...] historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem

lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

A partir dos estudos de gêneros e masculinidades, podemos observar como se é dada a sua interferência no campo educacional, sobretudo na EI, na qual as crianças são condicionadas, quase que restritivamente, aos cuidados femininos. Tudo isso a partir de um ponto de vista dualizado, determinando os papéis femininos e masculinos e perpetuando assim o ciclo de masculinidade hegemônica, no qual desde a infância a criança já deve se encaixar nesses papéis de masculino ou feminino. A partir disso seguiremos a problematização, voltando-se à docência masculina na EI.

2.3 Há um local para homens na EI?

Neste tópico abordamos as pesquisas já realizadas sobre homens que atuaram ou atuam na EI. Para isso reunimos e analisamos, através de alguns estudos quais são as representações, os pensamentos e as compreensões que as pesquisas apontam sobre a atuação docente masculina na EI.

Maria Arlete Bastos Pereira (2012) entrevistou cinco professores, para conhecer suas trajetórias como docente, tendo como objetivo compreender a construção da identidade do professor homem na EI. No seu trabalho, Pereira (2012) discute os conceitos de gênero e identidade, trazendo também informações sobre a EI no Brasil, para então chegar nas histórias de vida dos professores homens. A autora conclui que:

[...] embora haja mudanças nas subjetividades destes (professores homens) devido as relações com as crianças e a mulheres profissionais, onde “masculino” e “feminino” se entrecruzam, por outro lado, nestas mesmas interações, fica explícito que não foi possível romper totalmente com a masculinidade hegemônica que ainda permanece e se traduz principalmente no binarismo – masculino e feminino -, presentes e arraigados “neles próprios”. (PEREIRA, 2012, p. 147).

Mariana Kubilius Monteiro (2014) entrevistou todos os professores homens que atuavam na rede municipal de Campinas/São Paulo (SP) no primeiro semestre de 2014, sendo o total de sete professores, percorrendo as trajetórias profissionais de professores homens. No

seu trabalho Monteiro (2014) discorreu sobre docência, gênero e educação. A autora destaca a importância da diversidade de gêneros para a EI:

[...] proporcionar às crianças na Educação Infantil uma educação que envolva a diversidade e a equidade de gênero na escola, exige refletir e iniciar ações que possibilitem também a equidade de gênero na profissão docente e, por extensão, na própria sociedade. E esse novo questionamento poderia também transitar na ordem inversa, numa análise sobre o papel de mulheres em funções socialmente consideradas masculinas. (MONTEIRO, 2014, p. 118).

Dessa forma, para Monteiro (2014) repensar o papel do homem docente na EI, também significa relacionar com o papel da mulher nessa etapa. Joaquim Ramos (2011) realizou uma pesquisa com 12 professores que atuavam na EI em Belo Horizonte, o autor aprofundou sua pesquisa com três desses professores, com o objetivo de compreender a forma como os professores homens interagem com a EI e como a comunidade escolar percebe a presença desses sujeitos no interior das instituições. Na sua pesquisa Ramos (2011) tratou sobre a gênese do modelo institucional da etapa e em seguida ele analisa a trajetória docente dos três professores que atuavam com crianças pequenas, com isso ele apontou a percepção das professoras e família das crianças sobre a presença de professores homens na EI. Por fim o Ramos (2011, p. 128) concluiu que:

Ao assumir uma função marcadamente feminina no imaginário social, o professor homem passa por deslocamentos “para dentro” e “por dentro” da educação infantil. Para alguns significa aceitar sair do “lugar de homem” e entrar para o “lugar de mulher”. Em certo sentido, isso requer vivenciar uma situação de rebaixamento social, pois envolve ter que exercer funções profissionais localizadas em um nível social menos valorizado.

Aqui podemos pensar que a docência da EI como o “lugar da mulher” e apenas do “cuidado” acaba afastando os homens dessa etapa e também esvazia o sentido e a identidade da profissão docente na EI, essa pesquisa condiz com a de Monteiro (2014) e identifica a necessidade de pensarmos essa profissão para além dos gêneros e/ou das sexualidades. Michelle Mariano Mendonça (2016) foi em busca de uma instituição municipal de São Paulo, que tinha um professor e um gestor do sexo masculino, tendo como objetivo investigar as condições que percorrem a docência e o trabalho gestor de profissionais homens na EI. Para isso Mendonça (2016) contextualizou a EI no Brasil, analisou o local de pesquisa por meio de

documentos, e então focou nos sujeitos da pesquisa (professor e gestor) e o impacto da presença desses sujeitos na EI. Sendo assim:

Constata-se a contribuição dos profissionais homens para a socialização das crianças nos espaços escolar e na ruptura da divisão dos papéis de gênero. Rompimento esse que ocorre diante das contradições entre discursos, pois ainda permanecem falas que legitimam os papéis sociais de gênero, a ideologia machista, a reprodução da heteronormatividade e padrões sexistas naturalizados. (MENDONÇA, 2016, p. 116).

Como podemos perceber, os/as autores/as que trouxemos até então sempre proclamam ganhos na presença de homens na EI, esses ganhos são em todas as esferas e para todos os sujeitos, a saber: para a gestão, para os bebês, crianças bem pequenas e pequenas; para as professoras, entre outros. Angelita Alice Jaeger e Karine Jacques (2017) entrevistaram três professores oriundos de diferentes municípios do Rio Grande do Sul e assim analisaram as relações de gêneros e a construção da docência masculina na EI. Para isso, Jaeger e Jacques (2017) investigaram a motivação de homens acerca das escolhas e sobre percursos na EI, falando também sobre a inserção de professores em escolas de EI, ampliando discursões sobre masculinidade e docência. Por fim as autoras concluíram que:

A construção social e cultural da docência como uma profissão afeita às mulheres produziu e foi produzida em meio às representações que generificaram e generificam a profissão com atributos que constituem a feminilidade referente, os quais agenciam o afeto, o cuidado, o carinho, a sensibilidade e o amor maternal como requisitos naturalizados e colados à docência na Educação Infantil. [...] Se as motivações que levam os homens a escolherem esse espaço profissional são distintas, também são distintos e múltiplos os desafios e as problemáticas que acompanham as suas trajetórias na EI. Além de começarem, ainda que lentamente, a ocupar os espaços profissionais culturalmente vinculados às mulheres, contribuindo para o rompimento das fronteiras que delimitam as profissões próprias para cada sexo, esses professores questionam a ordem de gênero que posiciona em polos opostos homens e mulheres. (JAEGER; JACQUES, 2017, p. 565).

Repensar a identidade docente da EI, significa então repensar alguns conceitos que são atribuídos apenas ao feminino como o afeto, o cuidado, o carinho etc. Essas são representações impostas por uma masculinidade hegemônica que precisa urgentemente ser repensada. Abrir espaço para as outras formas de masculinidades, fortalece tanto a docência feminina quanto a masculina. Bruno Leonardo Bezerra da Silva (2015) entrevistou dois professores da rede pública de Natal/Rio Grande do Norte (RN), tendo como objetivo analisar as implicações da

presença de homens docentes na EI, problematizando as relações de gêneros a partir de atravessamentos sociais, históricos e culturais. Para isso Silva (2015) apresentou o histórico da EI, discorreu sobre a feminização do magistério, e ampliou a visão acerca do homem como educador infantil. Para Silva (2015, p. 96):

As questões relacionadas ao gênero evidenciam-se, assim, como preponderantes obstáculos a serem vencidos para o homem exercer a função de docente na Educação Infantil, pois implica transformações na ordem sociocultural que ainda não o vê como profissional apto a realizar as atividades que o cargo requer.

E aqui percebemos a necessidade dessas transformações na perspectiva da ampliação de vivências de homens na EI. Ana Marcia de Oliveira Carvalho (2015) realiza um caminho semelhante, entrevistando quatro homens para problematizar/refletir como são vividas as relações de gêneros no ambiente institucional a partir dos significados e sentidos que os homens atribuem a sua vivência pedagógica na EI. Assim como os outros estudos, Carvalho (2015) traçou um panorama histórico da educação no Brasil, seguido de um discurso de gêneros, masculinidades e homens na EI, a seguir analisa a atuação dos homens na EI. Carvalho (2015, p.135) afirma que:

[...] a presença do sexo masculino apesar de encontrar resistências também é significada de forma positiva, principalmente na relação com as crianças que passam a (re)significar suas relações familiares no seu mundo cotidiano compartilhado. Esse pode ser considerado um caminho na desconstrução de modelos binários, permitindo que as relações sociais entre meninos e meninas, corpo escolar e professores e agentes educacionais homens seja transformadora.

Aqui percebemos a necessidade de desconstrução dos papéis binários de gênero, além disso a autora destaca a visão das famílias sobre a docência masculina como sendo algo positivo, apesar das resistências que esses professores sofreram em sua profissão. Elsa Santana dos Santos Lopes (2015) entrevistou quatro professores que atuam nas creches públicas do município de Santo André/SP. Dessa forma a autora procurou saber quais os motivos dessa escolha profissional e como trabalham em uma profissão reconhecida socialmente como feminina. Para isso Lopes (2015) iniciou seu trabalho abordando a feminização do magistério através das relações de gênero e educação infantil, traçando sobre o perfil dos educadores da primeira infância e suas trajetórias profissionais. Segundo Lopes (2015, p. 116):

As relações de gênero compõem uma temática pouco discutida pelos profissionais da educação. Os educadores e educadoras da educação infantil dificilmente reconhecem que, sendo o gênero uma construção social e cultural, as interações vivenciadas nas instituições contribuem para a naturalização de ações que necessitam ser transgredidas e, precisam ser considerados pelos docentes da pequena infância na relação com o trabalho desenvolvido.

Relacionando as relações de gênero na EI como um papel social, historicamente construído e que precisa passar por transgressões dentro das instituições. Seguindo esse mesmo caminho, Rodrigo Ruan Marat Moreno (2017), no município do Rio de Janeiro, buscou compreender como as trajetórias de vida fizeram com que 15 homens escolhessem a docência na EI. Para isso o autor analisou as histórias de vida dos professores, contextualizando a temáticas de gênero e masculinidade, homens no magistério, EI e identidade docente. Por fim Moreno (2017, p. 136) concluiu que:

[...] o gênero e a masculinidade são aspectos permanentes na vida desses sujeitos e como eles rompem e atravessam por adjetivações e simbologias tão enraizadas em nossa sociedade. Esses homens “quebram” com essa tradição e mostram que educar e cuidar são próprios do ser humano e não de um gênero e/ou sexo específico.

Neste capítulo, abordamos a questão de gêneros e masculinidade hegemônica para podermos entender como a EI foi construída historicamente no Brasil para a docência feminina. Por meio do levantamento de conceitos foi possível entendermos quais as principais questões são apontadas no tocante à docência masculina, contribuindo assim na delimitação deste trabalho. No próximo explicitamos nosso caminho metodológico da pesquisa.

3. AS LINHAS QUE COSERAM A COLCHA: a metodologia da pesquisa

Nesta pesquisa utilizamos o método qualitativo, para melhor entendimento dos questionamentos oriundos da temática em questão, de acordo com Silva (2022, p. 21) para melhor compreensão de um fenômeno, devemos analisar tal acontecimento numa perspectiva integrada, pois dessa maneira o pesquisador vai a campo buscando compreender o contexto a partir das perspectivas das pessoas nele envolvido, considerando os pontos de vistas mais importantes.

Dessa forma, compusemos uma narrativa da história desses professores na EI, corroboramos a Silva (2022, p. 22) quando ela indica que “[...] a finalidade da presente pesquisa é de caráter narrativa, tomando por parâmetro a história de vida das professoras das salas de referências, formação e profissão docente.”

Para delinear as narrativas apresentadas na pesquisa utilizamos a metáfora da “colcha de retalhos”, caracterizada por Risoto e Souza (2020, p. 1257) como:

[...] narrativas em suas dimensões escrita, pictórica e oral, [...] tratadas como Documento Autobiográfico que permite a investigação dos aspectos significativos para a ampliação da compreensão sobre a formação de professores e pesquisadores. A narrativa é construída por histórias individuais e coletivas, ou, a singularidade das histórias construídas no coletivo; a partir de um olhar particular, a produção dessas narrativas se transforma em Documento Autobiográfico.

Devido ao pouco tempo desta pesquisa, acabamos por utilizar apenas a entrevista desses sujeitos, não conseguimos analisar fotografias, relatórios e outros documentos. Dessa maneira, contextualizamos os diversos pontos narrados pelos professores a fim de compor uma representação da docência masculina na EI nas suas mais diversas dimensões.

Para coletar os dados apresentados na presente pesquisa foi elaborado previamente um questionário contendo informações sobre a formação profissional, a relação com as crianças e com os demais agentes da educação dentro da instituição, tal como a família; as dificuldades na atuação, e por fim uma perspectiva acerca da representação social na visão dos sujeitos entrevistados.

Assim realizamos três entrevistas semiestruturadas elaboradas procurando estabelecer uma correspondência entre os objetivos do nosso trabalho, as referências bibliográficas coletadas e nosso entendimento da pesquisa. A entrevista é um instrumento com o qual

podemos obter informações do entrevistado relacionadas a um objetivo específico. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 75):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Na entrevista semi-estruturada podemos ter uma participação mais ativa, apesar da observação do roteiro. Essas entrevistas semiestruturadas foram realizadas no mês de março de 2013 por *WhatsApp*. Em seguida realizamos a transcrição das entrevistas e a catalogação dos conceitos-chave. No próximo item apresentamos os sujeitos da nossa pesquisa.

3.1 Os sujeitos pesquisados

Para embasar a discussão de gênero na EI, o presente trabalho buscou compreender aspectos relacionados a rotina dos professores entrevistados, para isso foram considerados o processo de formação profissional, a relação com as crianças e com os demais agentes da educação dentro da instituição, tal como a família; as dificuldades na atuação, e por fim uma perspectiva de representação social na visão dos sujeitos entrevistados.

A partir das falas dos professores analisamos como os papéis sociais exercem influência no cotidiano escolar, e em suas práticas pedagógicas. Para pensar tal contexto é preciso frisar o que aponta Cardial (2022, s/p):

Quando há professores homens e mulheres juntos na primeira infância, exercendo o cuidar, o afeto e o acolhimento, planejando aulas e organizando atividades, mostram-se às crianças diversas possibilidades de família. Quando uma escola é 100% feminina, a criança passa cinco vezes por semana, às vezes 8 horas por dia, com uma única referência, muitas vezes por preconceito, dificuldade e desinformação.

A presente pesquisa foi realizada com três professores que atuam ou atuaram na educação infantil de forma integral, em instituições públicas no estado da Paraíba conforme vemos no quadro abaixo:

Professor	Idade	Formação	Idade das crianças que leciona/lecionou	Cidade	Tempo de experiência na Educação Infantil
Professor A	36 anos	Magistério, Letras Português, Pedagogia (cursando)	4 e 5 anos	Sapé – PB	2 anos
Professor B	29 anos	Letras Português, Pedagogia	4 e 5 anos	Cabedelo – PB	1 ano e meio
Professor C	32 anos	Magistério, Letras Português (cursando)	3, 4 e 5 anos	Sapé – PB	2 anos

Os professores entrevistados na pesquisa são: Professor A, Professor B e Professor C. O anonimato é um direito de escolha do participante, portanto foram usados nomes fantasia ao citar os entrevistados. Como demonstrado no quadro acima, os professores em questão têm em média 30 anos de idade.

Sobre suas formações e experiências na EI, através do quadro podemos observar que todos os professores possuem formação adequada para o exercício da docência: dois deles têm magistério e o terceiro licenciatura em pedagogia, além disso todos eles realizaram mais de uma formação, na qual todos são graduados/graduando em letras português. Com experiência média de dois anos atuando na EI, observamos que todos eles atuam/atuaram com crianças da mesma faixa etária: três a cinco anos.

No próximo capítulo, abordamos nossa pesquisa com esses sujeitos a fim de coser os pedaços na nossa colcha de retalhos, a partir das experiências vivenciadas por homens que atuam junto a crianças pequena na EI.

4. MONTANDO A COLCHA: desenhos das narrativas dos professores

Neste capítulo buscamos compreender e discutir a docência masculina na EI, por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa, observando suas trajetórias e vivências profissionais, enfatizando suas funções pedagógicas, para então assimilar a presença de professores homens na referida etapa.

4.1 Caracterizando nossos sujeitos

A caracterização dos sujeitos da pesquisa se faz necessária para compreendermos em qual contexto esses homens se inseriram na EI. Dos três entrevistados, dois cursaram magistério e um cursou licenciatura em pedagogia. É interessante notar que a faixa etária que dois desses profissionais atuaram ou atuam foi/é a de quatro a cinco anos, apenas o Professor C teve oportunidade de trabalhar com crianças bem pequenas, tendo elas três anos de idade. Nos parece que o contato com bebês e crianças bem pequenas ainda não é fomentado nesses espaços, como podemos perceber de acordo com Menezes (2022, p. 79) “[...] a educação de bebês e crianças pequenas se vincula ao ambiente doméstico e a esfera reprodutiva, portanto, a Educação Infantil é naturalizada como função tipicamente feminina[...]”, sendo assim o contato com tal faixa etária se põe ainda mais restrito as mulheres, por isso justifica-se que, aos poucos homens que atuam com na EI, sejam alocados em turmas de pré-escola.

Quanto ao local de atuação os três entrevistados trabalharam ou trabalham na Paraíba, dois no município de Sapé⁹ e um em Cabedelo¹⁰, tendo eles atuando em instituições públicas. No próximo item percorremos a formação profissional e o início da docência dos nossos entrevistados.

4.2 Formação Profissional e o início na docência da EI

Ao perguntarmos quando esses professores iniciaram a carreira docente, dois deles falaram que foi com o magistério, mas que não o fizeram por primeira opção. Professor A relatou que sua entrada para o magistério se deu porque ele não ingressou no vestibular após o

⁹ Sapé é um município brasileiro do estado da Paraíba, conhecida como cidade do Abacaxi, por ser um grande exportador da fruta, é também a terra do poeta Augusto dos Anjos.

¹⁰ Cabedelo fica localizada na Região Metropolitana de João Pessoa, única cidade portuária da Paraíba, nela se inicia a rodovia Transamazônica, ligando o estado da Paraíba ao estado do Amazonas.

Ensino Médio. Professor C relatou que iniciou o magistério contra sua vontade, pois não sabia do que se tratava o curso e por imposição do seu pai. Porém no decorrer do primeiro ano passou a gostar e admirar o curso, visto que o conhecimento adquirido o ajudou a entender sobre o universo infantil.

O professor C destacou a importância do magistério para a sua compreensão do que é infância e do desenvolvimento da criança: “[...] atividades motoras e de raciocínio lógico, na fase adulta, podem ser desenvolvidas com facilidade ou com grande dificuldade, desde que se tenha uma educação escolar de qualidade” (PROFESSOR C, 2023). O professor C ainda falou que a maioria da sua turma de magistério era composta por mulheres e que “a cultura de atribuir a essas mulheres a figura materna e/ou equivalente a “tia”, bem como a cultura machista de que o homem não tem a possibilidade de cuidar de crianças por não ter sensibilidade emocional, dedicação, colocar-se no lugar da criança com afeto e amor ao cuidar [...]” (PROFESSOR C, 2023), corroborando a definição de masculinidade hegemônica apresentada por Connel e Messerschmidt (2013, p. 245) ao explicar que “[...] certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legítima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. O apontamento do Professor C traz à tona o principal contraponto à docência masculina junto a crianças pequenas e bem pequenas: o gênero.

O professor B teve outro caminho, iniciando sua formação acadêmica no curso de Letras Português, após concluir a graduação entrou na carreira docente lecionando na etapa do Ensino Fundamental II, entretanto um colega de trabalho o indicou uma segunda licenciatura para ampliar sua área de atuação, então ele iniciou a licenciatura em pedagogia, como não tinha pretensões na docência, visava o campo de supervisão escolar. Porém após concluir a formação em pedagogia e passar numa seleção para educação básica, foi direcionado a uma vaga em sala de EI.

Ainda procuramos saber se durante a formação de cada um, eles conheceram outros homens que se interessaram pela docência na EI. Professor A e Professor B não conheceram outros homens que com interesse pela área, Professor A explica que no magistério todos os homens que conheceu apontavam o Ensino Fundamental como área de interesse. Já o Professor B relata que era o único homem no curso, portanto não teve nenhum contato com outro homem no curso de pedagogia. Diversos aspectos culturais foram moldando à docência como um trabalho essencialmente feminino e essa já era uma resposta esperada por nós, a falta de contato dos sujeitos com outros homens na EI, pois como aponta Menezes (2022, p. 87):

[...] o baixo quantitativo masculino tem motivação histórico-social e fundamenta-se na construção de gênero e divisão sexual do trabalho. Neste sentido a quase ausência de professores homens em creches e pré-escolas reforça estereótipos de gênero e a relação da docência com a maternagem e vocação feminina.

Observando o ingresso dos professores na EI podemos constatar que as questões de gêneros e os papéis apontados pela sociedade são as primeiras barreiras enfrentadas por aqueles homens que decidem atuar na EI.

Sobre o início da docência na EI, nos casos do Professor A e Professor B aconteceram de forma inesperada, pois ambos estavam mais propensos ao Ensino Fundamental, já o Professor B lecionava Língua Portuguesa no Fundamental II, e o Professor A durante o magistério se identificou mais com o Ensino Fundamental I. Todavia ambos prestaram concurso público e foram designados para salas de EI, no entanto ambos tinham receio em atuar na área. O Professor A explica que não se identificava com a EI, pois tinha dúvidas em não saber desenvolver atividades que de fato contribuíssem para o desenvolvimento das crianças.

O Professor C aponta que após suas vivências de cunho familiar, aliado a experiências tidas no magistério “[...] pude aprender a necessidade de uma atenção maior para todas as etapas da fase de criança e adolescência, como sendo significativas para a formação humana e do/da cidadão/cidadã.” (PROFESSOR C, 2023). Em vista disso, sentiu-se desafiado a concluir o magistério e continuar se aperfeiçoando para “[...] mostrar que o homem também pode ser sensível, amar, se colocar no lugar de uma criança, instruir para uma vida sadia, educar juntamente com a família, ensinar a ser um bom cidadão/cidadã, respeitando as leis e contribuindo para o bem-estar de todos na sociedade” (PROFESSOR C, 2023). Por conseguinte, passou em um concurso público, inicialmente foi designado para EI, começando sua atuação na turma do Maternal II no ano de 2021 e no Pré I em 2022. O relato do Professor C sobre seu ingresso na EI reforça a preposição de Connel e Messerschmidt (2013, p. 251) quando apontam que “[...] as diferentes construções de masculinidade são encontradas, as quais produzem efeitos na vida da sala de aula, mesmo que muitos meninos não se encaixem exatamente nas categorias principais; de fato, os meninos demonstram relações complexas de aderência e rejeição a essas categorias”.

Quando perguntados se eles mantinham contato com outro professor que atua na EI, o Professor C respondeu de forma ampla, não apenas centrado na EI, que possui contato com os dois homens que cursaram magistério com ele e que esporadicamente conversam sobre a realidade da sua cidade no tocante a educação. Já o Professor B afirma que conhece outros

professores homens da EI, porém nunca teve oportunidade de trocar experiências, exceto uma vez que procurou um colega para solicitar orientações sobre uma atividade.

Professor A respondeu que trabalhou com mais três homens na EI e que eles desenvolveram uma prática de troca de experiência “[...] a gente costumava troca ideias sobre metodologias, estratégias didáticas a serem adotadas na sala de referência, dificuldades referentes as aprendizagens das crianças, bem como participávamos de formações sobre a EI” (PROFESSOR A, 2023).

A falta de representações de identidade docente masculina faz com que ainda haja um deslocamento do homem em tal espaço. Se faz importante para prática pedagógica que existam compatibilidade e troca entre os docentes, como aponta Novoa (1992, p.14):

O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. [...] um fator decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente. O desenvolvimento de uma nova cultura profissional dos professores passa pela produção de saberes e de valores que deem corpo a um exercício autônomo da profissão docente.

As explanações dos professores acerca do contato com outros professores homens evidenciam a importância de referências masculinas na EI para o empoderamento de outros homens que optam pela docência com crianças. Destacando a necessidade de trocas de experiências e vivências profissionais. No próximo item trazemos as relações desses profissionais com outros sujeitos da EI.

4.3 Relação com as crianças e com os outros sujeitos da EI

Considerando que a interação é parte do processo pedagógico na EI, analisamos como se deu a relação entre os sujeitos da pesquisa com as crianças e com os demais agentes da educação.

Todos os professores relatam que suas experiências com as crianças foram satisfatórias, e que nunca houve questionamentos vindo delas por eles serem homens. O Professor B descreve sua relação com as crianças como “[...] muito boa, supertranquila, nunca houve questionamento do porque eu ser homem (inclusive o único em todo ambiente escolar) e ser o professor deles” (PROFESSOR B, 2023). Como podemos observar a presença masculina não é tida com estranhamento pelas crianças e sim pela sociedade, porém a presença do homem no trato com as crianças é benéfica para todos, como apontado por Menezes (2022, p. 87) “[...] o

ingresso de homens na EI modifica a paisagem esperada e é capaz de modificar a comunidade escolar, podendo quebrar expectativas de gênero em bebês, crianças, seus responsáveis legais, funcionários, gestão e demais professores, comunidade escolar como um todo”.

Professor A trouxe a importância da afetividade e do brincar na EI: “[...] a minha relação com as crianças era superdivertida e afetiva. A rotina na sala de referência sempre envolvia o brincar como eixo norteador das atividades.” (PROFESSOR A, 2023). Em sua declaração o Professor A demonstra competência no processo pedagógico, levando em consideração que as brincadeiras e interações são os eixos principais da prática docente na EI, como afirma as DCNEI que são ratificadas na BNCC (BRASIL, 2017, p. 33 – grifo do autor):

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os **eixos estruturantes das práticas pedagógicas** dessa etapa da Educação Básica são as interações e as brincadeiras, experiências por meio das quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

Observando a explanação do Professor A, mais uma vez evidenciamos o seu preparo profissional, já que sua prática está respaldada pelos documentos oficiais. Já o professor C traz de volta ao ideário maternal sobre a sua prática docente com as crianças da EI: “[...] além de professor os via como filhos/filhas e assim os tratava, não busquei ocupar essa representatividade paterna, embora algumas crianças não tinham a referência paterna e a via em mim. Tínhamos uma relação maravilhosa, bem como com seus pais/mães que me acolheram e participavam ativamente na vida educacional de seus filhos/filhas” (PROFESSOR C, 2023). Essa concepção pode ser gerada também pelo fato desse professor ser o único dos entrevista que atuou com crianças bem pequenas do maternal II (3 anos). Esse comportamento adotado pelo Professor C é explicado por Louro (1997, p. 88):

[...] isso ocorre à medida em que as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como fundamental, passam a considerar o amor como parte do "ambiente facilitador" da aprendizagem. A representação do magistério passa, então, a ser mais claramente feminina — pelo menos do magistério que tem como alvo as crianças, o magistério primário ou de primeiro grau.

Sobre a forma que os outros sujeitos que compõem a EI, como gestão, especialistas, merendeiras, porteiros, família, se comportam com a presença de um homem na sala de

referência da EI, analisamos os paradigmas e contrastamos com a realidade apresentada pelos professores entrevistados.

Professor A e Professor B responderam que nunca perceberam nenhum comportamento hostil, e sempre foram bem aceitos por todos. Professor B pontua que “[...] sempre me acolheram bem, sempre com muito profissionalismo. Nunca enfrentei preconceito algum por ser homem e estar na educação infantil” (PROFESSOR B, 2023). Segundo Professor A seu maior receio ao ingressar na EI era a aceitação das famílias, porém houve uma boa acolhida como descreve ele: “[...] felizmente fui muito bem acolhido por elas, criei uma boa relação. E, inclusive com o passar do tempo comecei a receber elogios das famílias pelo trabalho que estava realizando com as crianças” (PROFESSOR A, 2023).

O professor C trouxe um quadro sobre feminilização da docência na EI e como isso foi difícil para sua aceitação, apesar de ter sido bem acolhido na instituição já ouviu comentários como “[...] é necessário ter um perfil para lecionar na Educação Infantil[...]”, “[...] nem todo mundo tem formação adequada para estar na Educação Infantil[...]”(PROFESSOR C, 2023), ele expôs que tais falas foram ditas em uma reunião, o Professor C percebeu que algumas professoras “[...] demonstraram um descontentamento em sua forma de olhar[...]” em vista disso o mesmo constata o preconceito “[...] era notável nos olhos e em algumas falas[...]”(PROFESSOR C, 2023). Baseando-se nas declarações dos professores podemos correlacionar aos seguintes parâmetros:

Quando há professores homens e mulheres juntos na primeira infância, exercendo o cuidar, o afeto e o acolhimento, planejando aulas e organizando atividades, mostram-se às crianças diversas possibilidades de família. Quando uma escola é 100% feminina, a criança passa cinco vezes por semana, às vezes oito horas por dia, com uma única referência, muitas vezes por preconceito, dificuldade e desinformação. (CARDIAL, 2022, s/p)

Apesar das diversas condições de ingresso do homem na EI, a partir do exercício profissional, se perpassa junto a convivência com as crianças, o aprimoramento das práticas, considerando que a afetividade esta arreigada ao processo do cuidar e educar, oportunizando ao professor o desenvolvimento da sua práxis. Dessa forma, no próximo tópico trabalhamos com as motivações profissionais desses professores na EI.

4.4 Motivações da profissão

Doravante entendemos os pontos que propiciam motivação à permanência dos professores na EI, tendo em vista os parâmetros que distanciam os homens do trabalho com crianças.

Professor A fala das crianças “[...] o que me motivava a continuar na educação infantil era acompanhar a felicidade das crianças no descobrimento dos novos saberes, novos mundos, adquirindo novos conhecimentos. A alegria e honestidade delas me contagiava diariamente.” (PROFESSOR A, 2023). Podemos observar que apesar de um receio inicial da atuação na EI, após o contato com as crianças ele sentiu-se realizado na docência. Essa constatação do professor é importante pois aponta as suas aptidões profissionais, em vista que as crianças são o centro da prática pedagógica na EI, como aponta a BNCC (BRASIL, 2017).

Já o professor B traz mais uma vez a questão da EI não ter sido a sua primeira escolha, porém destaca que após o período de adaptação encantou-se. Para ele “[...] o mais gratificante de tudo, sem dúvidas, é a acolhida, o afeto e o aprendizado diário com as crianças” (PROFESSOR B, 2023).

O professor C explica sua motivação a partir do desenvolvimento infantil, para tal ele citou um caso ocorrido no início do ano letivo de 2022, no qual uma criança passou por dificuldades de adaptação e interação, tendo em vista que ela passou duas semanas sem ir à instituição, e quando finalmente voltou a frequentar não conseguiu se adaptar a rotina, não queria sentar-se à mesa com as outras crianças, não brincava nem se comunicava com as demais crianças, chorava muito, se isolava. Porém a atenção dele com a criança, com atitudes como oferecer brinquedos e recursos didáticos, mantendo respeito ao seu espaço fez com que, ao passar do tempo, a criança desse os primeiros traços de socialização, aceitando juntar-se aos colegas na mesa e participar das interações. No final do ano, a criança já brincava com as demais, conversava, relatava os acontecimentos em casa. Entretanto, não conseguiu evoluir em alguns aspectos, tendo em vista que necessitava de acompanhamento psicopedagógico e a família não aceitou. Um momento emocionante para ele foi quando a criança segurou em sua mão pela primeira vez e o chamou para o café da manhã. Assim o Professor C conclui que há importância na sua atuação docente dentro da EI.

Comumente a formação profissional é minimizada em vista de falácias como vocação, ou propensões femininas ao cuidar. Fomentando o distanciamento do homem das crianças, por supostamente não haver afeto nas relações entre homens e crianças no exercício da docência. Entendemos o afeto como intrínseco a EI, porém essa troca ocorre naturalmente, e não desconsidera a formação profissional, tendo ambos os aspectos sua devida importância na prática pedagógica. Em concordância as presentes considerações, vemos que:

[...] existe em nossa sociedade um imperativo do afeto, definido por meio de um conjunto de discursos que operam na formação de uma profissional que compreende o afeto (de modo naturalizado) como condição exclusiva para o exercício da docência com crianças, colocando para segundo plano – e por vezes desconsiderando – a formação acadêmica que subsidia a atuação em sala. Tal imperativo desdobra-se no ordenamento que regula o trabalho docente [...] que acabam por generificar um entendimento de docência. (BELLO; ZANETTE; FELIPE, 2020, p. 562)

Por meio das exposições dos professores percebemos que a afetividade é um aspecto que permeia a docência infantil, acarretando no entusiasmo do homem em permanecer na EI, afetuosidade que as crianças demonstram é satisfatória no exercício da docência. No próximo tópico procuramos entender se ocorreram restrições da prática docente desses professores na EI.

4.5 Restrições das práticas docentes na EI

Antes de analisar as falas dos professores sobre restrições as suas práticas, é necessário observar os papéis sociais que permeiam a EI, na qual é notório que existem algumas designações que norteiam as práticas quanto à docência masculina, sendo assim Menezes (2020, p. 83) aponta que:

Quando um homem exerce à docência na Educação Infantil, ele passa por um “estágio probatório” para comprovar sua capacidade de exercer a função. Este período probatório refere-se ao tempo necessário para conhecer o perfil do professor, como ele conduz suas atividades, como interage com as crianças, inclusive em atividades que envolvam cuidados corporais de crianças do sexo feminino.

Todos os professores destacam que não tiveram restrições, inclusive trazendo o binômio cuidar-educar, o Professor A cita “[...] sentia-me livre para cuidar e educar as crianças de forma significativa” (PROFESSOR A, 2023). Além disso foi mencionada pelos Professores B e C o tabu da higiene pessoal, como exemplo na autonomia no exercício da docência, o Professor B relata “[...]nos primeiros dias, sem auxiliar, precisei dar banho em uma criança. Isso me gerou incomodo, mas busquei entender que eram ossos do ofício e que a criança precisava do meu cuidado naquele momento, e deu tudo certo.” (PROFESSOR B, 2023).

Porventura os relatos dos professores aqui representados se contrapõem a alguns estudos, os quais indicam que os professores quando atuam nessa etapa da educação ficam

apenas com as tarefas relacionadas ao educar, pois sempre ocorre desconfianças sobre o cuidar. No entanto, tais arquétipos sobre a docência masculina não abarcam que para além dos papéis impostos pela sociedade há uma preparação profissional antes do ingresso de qualquer professor na educação, seja em qual for a etapa que ele se insira. Tais apontamentos estão em congruência com o que aponta Sayão (2005, p. 180) em:

Nesse sentido, o cuidado aparece na produção acadêmica e no discurso como algo genérico, abstrato, confirmando a ideia de Thomas (1993). No entanto, nas práticas, o cuidado é específico e refere-se à atenção ao corpo, ao domínio de alguns conhecimentos pelas crianças associados à afetividade durante a ação.

Quando questionados se em algum momento eles pensaram em desistir da docência na EI, os Professores A e C responderam que não. Professor A pontua “[...] pelo contrário, fui me apaixonando pela profissão docente cada vez mais com o passar do tempo” (PROFESSOR A, 2023). Professor B conta que no início pensava em desistir todos os dias. Apesar disso a identidade docente foi sendo incorporada em vista que “[...] após o período de adaptação, encantei-me e espero sempre dar o meu melhor” (PROFESSOR B, 2023).

Dois não atuam mais na EI, a saber: A e C. Sendo que Professor C demonstra descontentamento ao denunciar seu desligamento da EI sem qualquer explicação, ele evidencia que isso pode ter sido gerado em virtude dessa visão que o homem não trabalha com crianças pequenas, já que ele anteriormente já havia percebido posicionamentos preconceituosos sobre sua presença na EI. E o professor B continua ainda atuando nessa etapa.

As declarações dos professores acerca de suas práticas são pertinentes, pois demonstram que apesar dos receios quanto à docência masculina, por meio do contato com as crianças vai se fomentando as habilidades necessárias à docência. Posto isso, as desconfianças vão se desfazendo, mediante a práticas significativas. Por fim, apresentamos como os entrevistados percebem as representações sociais da profissão docente na EI.

4.6 Representações sociais da profissão docente na EI

A presença do homem frente ao cuidar e educar na EI já apresenta uma quebra de paradigmas, que conseqüentemente traz mudanças no âmbito social como mostram as pesquisas de Lopes (2015), Silva (2015) e Ramos (2011). Quando questionados sobre a projeção social que isso possibilita para as crianças e para própria EI, os professores se posicionaram analiticamente enquanto as suas posições.

Professor A aponta que “[...] a presença do homem na educação infantil é extremamente relevante para, entre outros aspectos, ressignificar a feminilização do magistério, de maneira a romper, ainda que paulatinamente, com questões de gênero que tendem a colocar mulher como mais adequada para o cuidar e educar das crianças pequenas” (PROFESSOR A, 2023). Ele ainda toca em um arquétipo dos homens docentes na EI, que é a questão do abuso “[...] bem como quebrar o estigma de que homens não seriam capazes de cuidar e educar, uma vez que poderiam cometer algum tipo de abuso com as crianças” (PROFESSOR A, 2023), essa é uma questão que permeia a docência masculina. Essa é uma percepção que de acordo com o próprio professor precisa ser desmitificada, pois para as crianças “[...] a presença do professor homem é importante justamente para elas entenderem que outros homens, além do pai, também podem cuidar delas” (PROFESSOR A, 2023). Reforçando os apontamentos do Professor A, é indispensável compreender que:

Quando falamos de Educação Infantil, ou educação de forma geral, precisamos ter em conta que este espaço é (ou deveria ser) habitado por profissionais, que tem, em suas formações, um conjunto de conhecimentos que lhes permite se afastarem desse homem potencialmente “perigoso” que não pode ter contato com crianças. (BELLO; ZANETTE; FELIPE, 2020, p. 566).

O Professor B também traz a discussão que o cuidar não deve ser apenas delegado às mulheres uma vez que “[...] o cuidar não é apenas um papel feminino, bem como a representatividade para os alunos, mostrando que esses espaços também podem futuramente ocupados por eles” (PROFESSOR B, 2023).

O professor C traz mais questões acerca da representatividade do homem na EI: “[...] a diminuição do machismo, a valorização da mulher e do ser humano independente de sua orientação sexual” (PROFESSOR C, 2023). As palavras do Professor C apontam para uma perspectiva de equidade e aceitação, oriundas da representação de um professor instruído no convívio das crianças. Contudo ainda há um longo caminho a ser percorrido para que essa realidade venha acontecer, devido nossas convenções sociais, como salienta Menezes (2022, p.81):

A ressignificação de papéis sociais e a desconstrução de lugares fixos de acordo com gênero, possibilita novas relações. Porém, quando homens borram normas heteronormativas e exercem profissões fora do “masculino padrão”, como a docência, há um estranhamento, um desconforto.

As expectativas acerca da representação social que a docência masculina pode resultar são auspiciosas, tendo em vista toda a discussão discorrida na pesquisa. As experiências dos professores com as crianças demonstram que apesar de todas as objeções a respeito da presença do homem junto ao cuidar e educar, o convívio com as crianças possibilita que haja uma troca de experiências significativas, pois as crianças pequenas não possuem os preconceitos oriundos da sociedade em questão, por isso o contato com professores homens se faz relevante. Diante disso, deve-se oportunizar as crianças o contato com docentes capacitados que entendem as especificidades da EI, e a sua importância para a sociedade, por conseguinte.

Neste capítulo percorremos as mais diversas partes da docência masculina na EI, desde a formação dos professores até algumas questões que se tornaram evidentes no exercício das suas profissões como o cuidar e o educar, afetividade, feminilização do magistério, construção da identidade docente, paradigmas da profissão, entre outros. No próximo capítulo tratamos das considerações finais deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Cris Pizzimenti: “Sou feito de retalhos...” e aqui chegamos no final da nossa pesquisa e da construção da nossa colcha que ainda não foi terminada, mas já tem vários retalhos costurados. Neste estudo adentramos no universo da EI, trabalhamos a construção da identidade docente, paradigmas da profissão, feminização do magistério, entre outros, a fim de compreender como se apresenta a presença do homem na EI.

O presente trabalho teve como finalidade observar a presença do homem na EI no estado da Paraíba. Para nos situarmos acerca da temática foram necessárias leituras, com objetivo de entender como se caracteriza a docência masculina junto aos bebês e às crianças bem pequenas e pequenas. Em vista disso procuramos homens que ocupassem esse espaço nas instituições de EI, porém essa busca não foi simples, considerando que no município de João Pessoa não há essa representação docente. Todavia através de um discente do curso de pedagogia que atuou na área foi possível identificar outros homens com experiência docente na referida etapa no estado.

Quando pensamos em EI precisamos estar atentos as especificidades dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas para que sejam alcançados todos os direitos de aprendizagem que elas precisam ter para a sua formação como cidadão/ã. Para estar na EI o professor (ou não seria melhor professora? Pois a etapa majoritariamente é composta por elas) precisa estar atento as especificidades que requerem esses sujeitos. Um/a bom/oa profissional precisa sempre estar buscando adequar as suas práticas as demandas atuais, valorizando assim seu trabalho.

Partindo das experiências vivenciadas na graduação, debruçar-nos sobre a docência na EI, trouxe uma nova perspectiva acerca da pedagogia, pois as práticas com os bebês, as crianças bem pequenas e pequenas se baseiam na interação e afetividade. Portanto o presente trabalho trouxe uma visão esclarecedora de como se dá o processo pedagógico nas salas de referência. Sobretudo evidenciando a importância da formação docente adequada para uma prática significativa junto a esses sujeitos da EI.

Por meio desta pesquisa foi demonstrado diversos aspectos acadêmicos relevantes acerca da temática e sua pertinência no processo de formação docente. O primeiro aspecto a pontuar seria a importância de conhecimentos pedagógicos para a prática docente. Outro aspecto considerável na presença masculina na EI se dá na quebra de paradigmas que isso ocasiona, pois oportunizam que os papéis sociais sejam revistos e que haja uma múltipla

representatividade sendo apresentada aos bebês, as crianças bem pequenas e pequenas. Outro ponto fundamental a ser entendido foi a importância da prática pedagógica e do exercício da profissão, portanto o compartilhamento de experiências é primordial para uma práxis eficaz. Tendo em vista tais aspectos, é necessário que haja uma produção acadêmica maior sobre a docência masculina na EI, para que os/as discentes da licenciatura saibam que através de uma boa formação, é sim possível adentrar nesses espaços.

Voltando aos retalhos que compõem esta colcha, se fez imprescindível a discussão de gêneros, tendo em vista que a nossa sociedade ainda se fez representada a partir dos papéis sociais, no decorrer deste trabalho vimos que as dinâmicas que configuram nossos espaços seguem sendo direcionadas, mesmo que sutilmente, a dualidade de gênero (masculino e feminino) suprimindo assim a diversidade de gêneros que temos representados no nosso meio social. Com o entendimento da masculinidade hegemônica, conseguimos analisar diversas interposições que são determinadas e impostas as demais representações de gêneros que não se alinham as prescrições do que se entende por ser homem ou mulher, e o posicionamento que cada um deles pode desempenhar. Considerando o conceito de masculinidade hegemônica podemos reconhecer quem são os sujeitos que determinam essa dinâmica social: cisgênero, heterossexual, bem-sucedido e devidamente casado. Sendo assim, todo aquele indivíduo que foge a esses aspectos é suprimido e menosprezado. Tais questões são tão inerentes a nossa cultura, que perpassam a educação, e ditam princípios que influem diretamente na educação, foi assim que se configurou o ideário de EI, por meio do ideário de “homem reprodutor” e “mulher cuidadora”, determinou-se que a docência com crianças fosse remetida as mulheres, já que elas seriam dotadas da vocação, quase sacra, de tutelar as crianças. Os homens, nessa perspectiva, representavam uma figura muito incisiva, violenta, apresentando assim um risco ao que se espera de uma instrução de bebês, crianças bem pequenas e pequenas, sendo assim o homem não transpassa confiança, não desconsiderando a possibilidade de ser um abusador, sendo este o maior obstáculo para a aceitação de um homem na EI.

Apontados tais fatores, foi desencadeado o processo de feminização do magistério, ou seja, as mulheres ocupando totalitariamente o espaço da EI. Esses processos que envolvem a docência desconsideram a formação profissional, visando apenas o processo de cuidar, suprimindo a importância do processo de construção da identidade docente. O trabalho docente requer responsabilidade e consciência social, pois se trata de formação crítica de indivíduos, na qual, geralmente, a instituição educacional é o primeiro meio de interação social de uma pessoa. Sendo assim, a criança ao entrar no meio educacional se depara com diversas realidades

e situações que a possibilitam interagir com o novo, fazendo descobertas e experiências únicas e essenciais para sua formação como pessoa.

Os retalhos colhidos através das entrevistas dos professores apontam para uma direção entusiasmante para aqueles homens que desenvolveram interesse pela EI, pois por meio da pesquisa concluímos que, apesar de todos os obstáculos que abarcam à docência, há sim espaço para os homens na área. Ainda que haja diversos paradigmas acerca da presença do homem na EI, como gêneros, sexualidades, preconceitos, violência, pedofilia; o processo de formação profissional passa a ser o fator determinante na aceitação do homem na área. Passado o período de adaptação na instituição, quando o profissional se empenha para uma prática significativa. Ainda que o ingresso do professor na área ocorra com diversos receios, a afetividade que as crianças exalam acaba se tornando uma grande motivação para permanência do homem na EI.

As expectativas expressas pelos professores da EI apontam para um grande salto na sociedade, a partir da representatividade desenvolvida por um docente masculino: passando por questões de gênero, as quais apontam para equidade entre os sexos, como consequência a diminuição do machismo; valorização do magistério, desmistificando à docência como uma profissão generificada. Essa colcha de retalhos se fez importante tanto para o entendimento dos temas centrais, como gênero, masculinidade e docência. Como para o apontamento das possibilidades que são acarretadas pela docência masculina na EI.

Em conclusão desta colcha de retalhos apresentada no decorrer deste processo acadêmico, sentimos preparados para costurar novos retalhos na colcha que representa a nossa formação profissional, sendo esta a primeira parte finalizada da colcha. Entendemos que há diversos retalhos a serem apanhados ao longo desse trajeto, sendo assim sigamos a tecer nossa colcha profissional, almejando a confecção de uma bela colcha multicolorida e cheia de significados e representações. “E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar um dia, um imenso bordado de ‘nós’.” (PIZZIMENTI, s/d).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socialização no entretecer destas culturas. *Educação e sociedade*, v.8, n. 1000, 2007.

BELISCEI, João Paulo; SAITO, Heloisa Toshie Irie. Há um Homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças. *Gênero*, Niterói, v. 21, n. 2, p. 296-320, jan./jun., 2021.

BELLO, Alexandre Toaldo; ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. O Homem-Professor na Educação Infantil e a Produção da Profissionalidade. *Zero-a-seis*, Florianópolis, v. 22, 2020. p. 558-579.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, vol. 2, n. 1, jan./jul., 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 9394/1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017

CARDIAL, Karen. Ao excluir professor homem, educação infantil limita convivência com diferentes modos de ser. *Revista Educação*, ed. 282, 2022. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2022/02/25/educacao-infantil-homem/#:~:text=No%20Brasil%2C%20dos%20593%20mil,a%20presen%C3%A7a%20masculina%20%C3%A9%20maioria.>> Acesso em: 05 maio 2023.

CARVALHO, Ana Marcia de Oliveira. **Vozes Masculinas no Cotidiano Escolar**: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schütz. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015. 148 p.

CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Femininos*, Florianópolis, 2013.

FERREIRA, Waldinei do Nascimento. **As Relações de Cuidado e de Gênero Presentes nos Relatos de Homens Professores nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. 160 p.

FIGUEIREDO, Tatiane Alves de. **Reflexos da Feminização do Magistério na Contemporaneidade**: a ausência do gênero masculino na Educação Infantil da rede

municipal de educação de João Pessoa. 2020, TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. 52 p.

GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na Fronteira: a inserção de homens na docência da Educação Infantil**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. 90 p.

HENTGES, Karine Jacques. **Homens na Educação Infantil: O que pensam as diretoras sobre isso?** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. 90 p.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. *Estudos Femininos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: <
<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545>> Acesso em: 30 de abr. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, 2012. 42p.

KUHLAMANN JR, Moyses. Histórias da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, p. 8-11, 2000.

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Percursos e Percalços na Implantação dos Jardins de Infância na Cidade da Parahyba**: uma contribuição ao estudo sobre a educação infantil (1917-1939). 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

LOPES, Elsa Santana dos Santos. **A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?** 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.159 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

MENDONÇA, Michelle Mariano. **Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil**: alguns elementos para compreensão. 2016, Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. 129 p.

MENEZES, Cintia de Paula. Professores Homens na Educação Infantil: Masculinidades, Docência e Desconstrução de Lugares Fixos. *Perspectivas em Diálogos: Revista de Educação e Sociedade*. v. 9, p. 74-90, 2022.

MIRANDA, Lúcia de Fátima de Lima. **Atuação de Homens na Educação Infantil**: um olhar sobre as perspectivas e desafios dos graduandos do curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba. 2017. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. 40 p.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. 134 p.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. **Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 154 p.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Profissão Docente.** Lisboa: s/ed., 1992.

OLIVEIRA, Emanuel Messias de Carvalho. **Feminização na Formação de Professores no Curso de Pedagogia nas Instituições de Ensino Superior: um olhar sobre os desafios da figura masculina no lócus da Educação Infantil/anos iniciais.** 2019. TCC (Licenciatura em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. 46 p.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor Homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2012. 162 f.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor. *Nuances*, v. 3, São Paulo, 1997.

Professor A [mar.2023] Entrevistador: Jonyelson Silva Ribeiro de Assis. João Pessoa, 2023 (Entrevista concedida via *WhatsApp*)

Professor B [mar.2023] Entrevistador: Jonyelson Silva Ribeiro de Assis. João Pessoa, 2023 (Entrevista concedida via *WhatsApp*)

Professor C [mar.2023] Entrevistador: Jonyelson Silva Ribeiro de Assis. João Pessoa, 2023 (Entrevista concedida via *WhatsApp*)

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. 139f.

RISOTO, Margaréte May Berkenbrock; SOUZA, Juliana Paiva Pereira de. Documentos Autobiográficos: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente. *Diálogo Educacional*, v. 20, p. 1255-1279, Curitiba, 2020.

SANTOS, Sandro Vinicius de. Homens na Docência da Educação Infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. *Brasileira da Educação*, v. 26, 2021.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creche.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 274 p.

SILVA, Bruno Leonardo Bezerra da. **A presença de homens docentes na Educação Infantil: lugares (des)ocupados.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. 107 p.

SILVA, Claudionor Renato da; VELOSO, Laura Alves Porto. Desafios do professor Homem na Educação Infantil: um debate a partir do estágio em Pedagogia. *Itinerarius Reflectionis*, v. 14, n. 1, p. 01–14, Goiânia, 2018.

SILVA, José Leandro Maciel da. **Tem Homem na Escola: professores na Educação Infantil.** 2020. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. 43 p.

SILVA, Leonardo Lima da. **Desafios dos Estudantes Homens na Educação Infantil: reflexões à luz das relações de gênero.** 2020. 57 p. Dissertação – Universidade Federal da Paraíba - PB

SILVA, Valeria Henrique da. **A História de Vida de Professoras das Salas de Referência: memórias de formação e trabalho docente.** 2022. 72 p. Dissertação (Especialização) – Universidade Federal da Paraíba.

SOUSA, José Edilmar de. **Por Acaso Existem Homens Professores de Educação Infantil? Dois estudos de caso em representações sociais.** 2011. 206 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará - CE

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a) esta pesquisa é sobre a presença masculina na Educação Infantil, e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Jonyelson Silva Ribeiro de Assis, discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola.

O objetivo do estudo é pensar a atuação docente masculina na Educação Infantil, para tal iremos acompanhar a trajetória de um professor.

Solicitamos a sua colaboração para responder a um questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações científicas. Assim como a utilização do Relatório Final da disciplina Estágio Curricular Supervisionado II ministrado pela professora Dr.^a Maíra Lewtchuk Espindola. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo (caso deseje). Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa - PB, ____/____/____.

Assinatura do/da participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

Apêndice B: Entrevista Semiestruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS

Pesquisa: A presença masculina na Educação Infantil.
Discente Responsável: Jonyelson Silva Ribeiro de Assis
Professora Responsável: Maíra Lewtchuk Espindola

Entrevista Semiestruturada

Data: ____/____/____.

1. Identificação

Idade: _____

Formação no magistério: _____

Instituição: _____

Ano de formação: _____

Formação superior: _____

Semestre que termina: _____

Idade das crianças da(s) turma(s) que leciona/lecionou: _____

Cidade: _____

Tempo de Experiência na Educação Infantil: _____

Ainda atua? _____

2. Formação Profissional

Conte sobre seu processo de formação. Como surgiu o interesse pela Educação Infantil?

Durante a formação conheceu outros homens que se interessavam pela área?

Possui ou possuiu contato com outro professor que atue na Educação Infantil? Quais experiências trocam sobre o magistério?

3. Na Educação Infantil

Como é ou era sua relação com as crianças? Houve questionamento por partes delas sobre você ser um homem?

Qual a forma que os sujeito envolvidos na educação das crianças que você foi docente (gestão, supervisão, merendeira, porteiros, família) se comportam com a presença de um homem na sala de referência da educação infantil?

O que te motiva ou motivou a prosseguir na educação infantil? Cite um momento gratificante no seu trajeto profissional.

4. Dificuldades na atuação

Existem ou existiram restrições na ou da sua prática na Educação Infantil (cuidar-educar)? Se sim, qual causou mais incômodo?

Já pensou em desistir ou desistiu da docência na Educação Infantil? Se sim, qual o motivo?

5. Representação Social

No âmbito social, o que, na sua visão, a atuação docente de um homem no cuidar e educar das crianças pode trazer de modificações para a Educação Infantil?

Se possível, enviar fotos em momentos com as crianças (não identificando os rostos das crianças, para preservação da imagem das mesmas).